

Credor cobra juros atrasados

Brasília, quarta-feira, 23 de maio de 1990 7

de US\$ 5 bi

JORGE ROSA
Enviado Especial

Nova Iorque — Os banqueiros norte-americanos, que estiveram ontem cedo com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, transmitiram suas preocupações com o pagamento dos juros atrasados, acumulados em cerca de 5,5 bilhões de dólares, especialmente porque se aproxima o mês de junho, quando alguns bancos credores terão que classificar o Brasil como bom pagador ou caloteiro, revelou a própria ministra em entrevista coletiva realizada na suíte 1437 do Inter-Continental Hotel.

Como no dia anterior, os banqueiros recebidos individualmente não demonstravam qualquer entusiasmo ao saírem da suíte 1437. O charman do Manufactures Hanover, John Macgillindie, por exemplo achou que o Governo brasileira ainda não tem uma proposta de como negociar a dívida, enquanto William Rhodes, chefe de operações do Citibank ex-presidente do comitê de assessoramento do bancos credores, não apóia a idéia de negociações isoladas e defende manutenção do comitê. Estiveram com a ministra, também, os banqueiros Richard Simonsens, do Chemical Bank, e Willian Butcher, do Chase.

Após a audiência com os banqueiros, a ministra Zélia foi à redação do *Wall Street Journal* e, em seguida, reuniu-se com o presidente do Federal Reserve de Nova Iorque, Gerald Korraign. À noite, retornou ao Brasil.

Na entrevista coletiva, a ministra Zé-

lia reafirmou que as conversações mantidas com os banqueiros norte-americanos, segunda-feira e ontem, em Nova Iorque, "tiveram por objetivo apenas enriquecer os contatos, ouvir suas preocupações e suas propostas. Ainda não iniciamos as negociações propriamente ditas com os bancos privados. Isso só será feito depois de vencidas algumas etapas. Primeiro, temos que concluir a revisão do orçamento; em seguida acertar um crédito **stand by** com o FMI; depois negociar com o Clube de Paris; e, só então, teremos condições de apresentar uma proposta efetiva aos banqueiros. Este processo deve se concluir até o final do mês de junho".

Zélia negou que o Brasil ainda não tenha uma estratégia definida para a negociação da dívida. Explicou que "não cabe, no momento, revelá-la aos banqueiros. Primeiro, temos que explicá-la à sociedade brasileira. Aliás, não viemos (aos EUA) fazer propostas".

Sobre a iniciativa brasileira de procurar acordos em separado, o que não agradou aos banqueiros por retirar-lhes poder de barganha, a ministra negou que o objetivo do Brasil seja desestabilizar o comitê de assessoramento da dívida externa. "Os bancos têm interesses diferentes, afirmou, e essa é uma realidade que não podemos negar. Queremos explorar todas as possibilidades de explorar essas diferenças, concluindo com soluções que sejam boas para o Brasil e para os bancos. O objetivo é somar soluções mais construtivas".